



O ENSINO EXPLÍCITO DE LIBRAS COMO L2: EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Hilkia Cibelle da Cruz Oliveira

RESUMO:

Este artigo trata-se dos relatos de experiências vividas durante os estágios obrigatórios supervisionados da Universidade Federal de Goiás - UFG. No decorrer dessa pesquisa de campo, foram observadas situações que nos levaram a indagar a forma como a Língua Brasileira de Sinais - Libras está sendo ensinada para alunos adultos ouvintes. Dessa forma, nosso foco esteve pautado em saber como os alunos internalizariam a Língua de Sinais se os professores ensinassem a Libras utilizando apenas ela como canal de comunicação. Uma pergunta recorrente nesses anos foi: Será que os alunos seriam mais fluentes na língua-alvo se tivessem aulas apenas em Libras? Tendo como base Lima Júnior (2010), Libâneo (2001), Vasconcellos (2002) e outros, abordaremos o ensino explícito de uma segunda língua, nesse caso a Libras, nas instituições em que o estágio foi executado. Recorreremos ao uso de questionários, entrevistas, diário de campo, protocolo de registros, pesquisas bibliográficas, bem como outros instrumentos descritos no decorrer deste artigo. Com essa experiência em campo, percebemos que o ensino explícito de Libras pode ser uma das melhores formas de instrução para que os alunos dominem a língua à qual estão estudando e ainda, o contato com a realidade educacional de ensino nos revelou que serão necessárias muitas mudanças e pesquisas nessa área.

Palavras chave: estágio, experiência, Libras

1



INTRODUÇÃO

Este trabalho refere-se ao estágio supervisionado, apresentado à disciplina de Estágio 4 do Curso de Letras / Libras da Universidade Federal de Goiás, como requisito obrigatório para a obtenção de certificado. O tema deste trabalho é o ensino explícito de Libras como L2 e tem como objetivos: compreender de que maneira o ensino explícito de Libras como L2 pode contribuir para o aprendizado dos alunos; investigar de que forma o ensino de Libras pode se tornar mais explícito para os alunos e analisar a relação entre o ensino explícito de Libras e a ampliação da percepção visual dos alunos.

Posicionamo-nos como futuros profissionais da educação para olharmos sob um novo ângulo e dizer: O que podemos fazer para melhorar o ensino de Libras como segunda língua? Diante das observações que fizemos em sala de aula, surgiu dentro de nós um interesse em ensinar Libras, como uma língua igual a qualquer outra e ensinar usando a própria língua que está em foco. Portanto, iniciamos essa proposta a fim de sabermos como os alunos internalizariam a Língua de Sinais se os professores, surdos ou ouvintes, ensinassem Libras utilizando apenas ela como canal de comunicação. Será que eles perceberiam melhor a fluência, a língua em uso, do que tendo aulas ora orais, ora em Libras?

Em seu livro *Libâneo* faz a seguinte afirmação:

(...) não basta o professor ter uma lista de métodos e técnicas a serem utilizados. O que ele precisa ter é capacidade de dar respostas diferentes conforme cada situação. Não precisa tanto saber aplicar regras já estabelecidas, mas construir estratégias, descobrir saídas, inventar procedimentos. (LIBÂNEO, 2001, p. 51)

2



Sendo assim, podemos dizer que cabe aos professores descobrirem novas técnicas, novas estratégias de ensino para que o aluno aprenda a construir o seu conhecimento. Quando o aluno estiver com dúvidas, o professor pode exercer sua capacidade de responder, dando ao aluno diferentes respostas, no qual o próprio aprendiz irá escolher a melhor resposta e internalizar esse novo conhecimento. É preciso destacar que, segundo Libâneo, o domínio do conteúdo e dos métodos de ensino faz do professor um profissional competente à prática educacional.

Tendo como base Lima Júnior (2010), discursaremos a respeito dos efeitos e a durabilidade do ensino explícito de Línguas, mas como os estudos a respeito do ensino explícito de Libras é restrito, optamos por utilizar um material que leva em consideração o ensino do Inglês como L2 e faremos algumas comparações com o ensino Libras como L2.

O estágio supervisionado foi dividido em quatro etapas, cada etapa foi composta por atividades diferentes em campo. Como requisito obrigatório para conclusão do curso de Letras / Libras, estivemos em sala de aula observando, entrevistando, fazendo anotações, pesquisando, preparando materiais, ministrando aulas e aprendendo da melhor maneira possível: vivenciando a arte de ensinar.

Este Relatório está organizado em três capítulos. Sendo que o primeiro apresenta a abordagem teórica que utilizamos no decorrer do estágio. O segundo capítulo é referente à metodologia e o último aborda os resultados da nossa experiência em sala de aula e à discussão desses resultados.



ABORDAGEM TEÓRICA DE ENSINO DE LIBRAS

Para Galindo (2004) a construção da identidade profissional é tida a partir de suas relações sociais com o meio em que vive. O professor se identifica e reconhece sua profissão de acordo com o autoreconhecimento que ele próprio vê e tem de si mesmo e também da forma como os outros o veem. Buriolla (1999), “o estágio é o lócus onde a identidade profissional é gerada, construída e referida”; podemos dizer então que a nossa identidade docente ganha força a partir do momento que entramos em contato com a escola, por meio do estágio, e é a nossa reflexão sobre a escola, sobre o “ser” professor que fará a diferença na nossa carreira profissional como docente. Codo (1992) afirma que “o indivíduo é aquilo que faz”, o que nós somos depende do que realizamos e como realizamos. Ensinar não nos exige apenas vontade, mas requer dedicação e comprometimento.

O Projeto de Ensino-Aprendizagem é “refletir sobre os desafios da realidade da escola e da sala de aula, perceber as necessidades, re-significar o trabalho, buscar formas de enfrentamento e comprometer-se com a transformação da prática” (VASCONCELLOS, 2004, p.133). Sendo assim, podemos pautar nossa experiência na reflexão acerca da escola, dos profissionais e dos alunos que compõem a sala de aula da instituição de ensino observada. Mas, devemos ainda levar em consideração que para se ter uma prática pedagógica completa, os profissionais da educação devem superar as distorções e condicionamentos históricos a que são submetidos.

E, ainda, segundo Vasconcelos, devemos lembrar que uma prática pedagógica em sala de aula tem algumas implicações como, por exemplo: não é possível prever tudo nos mínimos detalhes; a competência do professor é



necessária para lidar com estas situações singulares e o professor precisa estar 'inteiro' nas relações pedagógicas.

Sabemos que a profissão de professor, atualmente, está adquirindo determinadas características de acordo com as necessidades educacionais referentes aos contextos sociais em que os alunos e nós somos inseridos. Dessa forma, não podemos julgar, mas podemos observar cada realidade e refletir na e sobre a ação pedagógica, para que, como professores, participemos ativamente nos problemas que nos rodeiam, analisemos as nossas práticas profissionais, refaçamos as nossas rotinas e assim inventemos novas soluções (LIBÂNEO, 2001).

Para Lima Júnior (2010), muitos falantes de segunda língua que demonstram sua habilidade apenas da instrução dentro de sala de aula, e talvez um pouco de prática fora de sala de aula, mostram que a instrução explícita tem efeitos na aprendizagem destes alunos. Como no nosso caso, que a Libras também é vista como língua estrangeira (LE), podemos afirmar que o uso da Língua de Sinais para o ensino dela mesma seria eficaz diante de uma turma de alunos adultos que nem sempre possuem contato com a língua fora de sala de aula, como acontece na maioria das turmas observadas.

Nas línguas decorrentes da capacidade oral-auditiva, utilizamos a pronúncia como fator relevante na aprendizagem do aluno, mas como a nossa língua em estudo pertence à modalidade espaço-visual, utilizamos os parâmetros da língua, que consiste em configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), orientação da palma (OP), movimento (MOV) e expressões não manuais (ENM), para dizermos de que forma aquele aluno pode estar diante da comunicação e da fluência na Libras como L2.

Lima Júnior (2010) ressalta alguns efeitos do ensino explícito em sala de aula. Um deles seria que em vários casos já estudados e comprovados, os alunos não nativos em determinada língua, mas que receberam a instrução toda na língua em

5



que estavam aprendendo, foram julgados como ‘nativos’ por juízes nativos da própria língua estudada. Isso poderia ser revertido para o nosso caso da seguinte forma, pessoas que aprendem Libras com surdos e pessoas que aprendem com ouvintes. O meio que os surdos têm para se comunicarem é nas suas línguas maternas – Libras, recorrendo poucas vezes ao Português escrito, sendo assim, aqueles que aprendem com os surdos tendem a adquirir fluência mais rapidamente e de forma mais natural.

Os professores podem planejar e projetar as suas aulas da melhor forma possível, mas aqueles que recebem suas instruções na língua alvo têm resultados melhores e mais duráveis (LIMA JÚNIOR, 2010). Cabem aos professores, estudarem uma forma mais dinâmica de trabalharem a língua dentro de sala, sem recorrerem à língua materna dos alunos, podendo, assim, garantir um resultado mais duradouro e mais eficaz para os seus aprendizes.

Segundo Saussure, Chomsky, Hymes e outros (apud Vera Lúcia Teixeira da Silva, da Universidade Federal do Rio de Janeiro), existem diversas competências que um falante precisa ter para desenvolver a língua com proficiência. Para Chomsky todo falante possui uma competência inata e universal dentro de si mesmo que é o “conhecimento da língua, isto é, das suas estruturas e regras” podendo este aceitar, ou não, determinado contexto.

Segundo a autora SILVA (2004), Dell Hymes propôs um novo conceito diferente de Chomskiano: Para ela o acréscimo do termo comunicativo à palavra competência demonstra a preocupação com o uso da língua, tornando-se competência comunicativa. Com isso, percebemos que um falante deve estar atento à teoria da gramática, e conhecer suas regras estruturais, para saber formular conversações da língua com mais eficiência e proficiência da língua.



A autora diz que: Canale e Swain, partindo do trabalho de Hymes ampliaram mais uma vez o conceito de competência comunicativa, no qual possui quatro sub-competências:

- *Competência gramatical ou linguística:* conhecimentos que o falante possui da estrutura gramatical daquela língua (léxico, fonologia, sintática, semântica), que permite o falante formular frases com estruturas próprias daquela língua.
- *Competência sociolinguística:* é a capacidade que o falante tem de adaptar a forma linguística ao contexto que pretende se comunicar.
- *Competência discursiva:* O falante se comunica não somente de palavras (sinais) soltos, mas de textos maiores.
- *Competência estratégica:* como sabemos que a comunicação não é um dado seguro, é bom que o falante competente de uma língua esteja atento a possibilidades de utilizar recursos variados na comunicação, sabendo remediar situações.

Percebemos com esses conceitos, que é preciso ao professor rever suas práticas, para que ocorra um ensino-aprendizagem eficaz e com maior desenvolvimento desses alunos nessa língua. E que é possível uma prática de ensino-aprendizagem mais imersa na língua-alvo, sendo o trabalho pedagógico do professor intervir no desenvolvimento do aluno, de forma que este venha se comunicar com muito mais fluência, configurando-se uma abordagem comunicativa.

RICHTER (2000) lista cinco características da abordagem comunicativa:

- uma ênfase no aprender a comunicar-se através da interação com a língua-alvo;
- a introdução de textos autênticos na situação de aprendizagem;



- a provisão de oportunidades para os alunos, não somente na linguagem, mas também no processo de sua aprendizagem;
 - uma intensificação das próprias experiências pessoais do aluno como elementos importantes na contribuição para aprendizagem em sala de aula; e
 - uma tentativa de ligar aprendizagem da linguagem em sala de aula com a ativação da linguagem fora da sala de aula.
- (RICHTER, 2000, p. 1)

Para o autor, é preciso que o professor de língua trabalhe com os alunos de forma que eles tenham um maior contato com a língua-alvo, através de diversos métodos, observando que o foco é um aprendizado mais eficaz e com mais fluência na comunicação. E o quanto é importante aplicação de textos, para que os alunos venham desenvolver suas habilidades em diversos contextos, ampliando seu vocabulário e não ficando preso somente a sinais, para que saibam contextualizar qualquer tipo de texto, tema e situação. Com o conteúdo trabalhado em sala de aula, é importante motivar os alunos a se comunicarem, tanto dentro de sala de aula, como fora de sala, em diversos ambientes e situações.

De acordo com a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, a Libras é reconhecida como língua, contendo todas as regras e estruturas gramaticais. Com o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei de Libras, citada acima, fica estabelecido que a pessoa surda, parcial ou total, pode se relacionar e interagir através de recursos visuais, bem como com a utilização da Língua de Sinais como língua materna, mas não descarta a aprendizagem do Português escrito na educação desses surdos. Fica estabelecido ainda o direito de acesso ao ensino público e privado, com o apoio do profissional de interpretação, para que todos os surdos tenha cidadania e possam se realizar em sociedade.



A regulamentação dessa língua é de extrema relevância para a comunidade surda, uma vez que estabelece direitos de cidadania e maior oportunidade educacional para eles. Com a criação da Lei de Libras, os surdos podem contar com a expansão da comunicação entre surdos e ouvintes e garantir seu espaço na sociedade.

METODOLOGIA

Segundo Vasconcellos (2002), a metodologia em sala de aula é uma síntese de uma concepção de educação e um conjunto de objetivos mais ou menos explícitos. O conhecimento não é algo “transferido e depositado” e sim construído pelo aluno através da relação com os outros e com o mundo. Isto quer dizer que o aluno precisa refletir o conteúdo que o professor trabalhou. O processo de conhecimento é dirigido pelo educador que tem a função de despertar o interesse do educando pelo conhecimento. O educando deve começar a construir seu conhecimento, até conseguir elaborar e expressar o que aprendeu, como resultado do processo ensino-aprendizagem. Segundo Vasconcellos, são três dimensões que não podem ser separadas:

- *Mobilização para o conhecimento*: que visa possibilitar o vínculo inicial entre o sujeito e o objeto, provocar a necessidade, acordar e desequilibrar. O papel do educador é tornar o objeto em questão como objeto de conhecimento do sujeito, que é o aluno.
- *Construção do conhecimento*: possibilitar o confronto entre sujeito e objeto, no qual o educando busca mais conhecimento para aprender e captar a essência.



Esse é um segundo momento de interação, no qual será construído o conhecimento através da sua ação e relação com o objeto.

- *Elaboração e Expressão da Síntese do Conhecimento:* nesse processo, é importante que o educador ajude o educando a elaborar e explicitar a síntese do conhecimento. A expressão da síntese é fundamental. De um lado, para organizar novos conceitos na linguagem do aprendiz, e do outro, a interação do educador com o educando que está construindo seu conhecimento.

Numa fórmula: Do sincrético pelo analítico para o sintético. A síncrese corresponde à visão global indeterminada, confusa, fragmentada da realidade em seus elementos, a parte como parte do todo; a síntese é o resultado da integração de todos os conhecimentos parciais num todo orgânico e lógico, resultando em novas formas de ação. (LIBÂNEO, 2004 apud VASCONCELOS, 2002, p.47)

O educando vai construindo seu conhecimento aos poucos, fazendo o percurso da síncrese para a síntese pela mediação da análise, sendo este o caminho da construção do conhecimento.

Foi com base nesses pressupostos metodológicos que o nosso estágio supervisionado foi desenvolvido.

O estágio foi realizado nos quatro últimos períodos do curso de licenciatura em Letras / Libras. Para melhor compreensão, o dividimos em quatro partes sendo elas: estágio 1, estágio 2, estágio 3 e estágio 4.

Estágio 1

Nessa primeira etapa de estágio obrigatório, observamos de forma participativa todos os âmbitos da instituição, dessa forma tivemos momentos de

10



observação dentro e fora da sala de aula, realizamos entrevistas, bem como questionamentos informais. Esse procedimento teve como objetivo nos inserir no contexto escolar para que, de alguma forma, pudéssemos estudar e analisar as ações desenvolvidas pela escola. De acordo com Vasconcellos (2002) “a sala de aula é o centro do acontecimento educação escolar”, dessa forma podemos afirmar que estivemos diretamente em contato, analisando e observando o local em que ocorrer o processo ensino-aprendizagem.

Em todas as nossas visitas, anotamos as observações em um papel (rascunho) e posteriormente digitamos essas informações em forma de relatório. Todos os dias de estágio permanecemos na escola das 7hs às 10hs (perfazendo um total de 3 horas diárias), tempo que abordava as três primeiras aulas e o recreio dos alunos.

Estágio 2

Durante esse período, realizamos pesquisas bibliográficas, como forma de ampliação de conhecimentos e como base para a elaboração de um projeto de curso voltado para o ensino de Libras.

No início, tivemos a oportunidade de observar a escola-campo, bem como as turmas do período noturno. Nessa fase do estágio curricular realizamos uma pesquisa-ação por meio de uma observação participante, na qual, tivemos certo grau de interação com a situação estudada. Realizamos entrevistas informais com os professores e com a diretora da instituição, observamos o funcionamento da escola e o decorrer das aulas. Fizemos análise, coleta de dados e conceituação dos problemas, tanto da instituição quanto da turma de Libras V.

Estivemos fazendo nossas observações durante quatro (04) meses, sendo entre os meses de agosto a novembro de 2011. Analisamos oito aulas, alternando



as turmas que vão de Libras I a Libras IV, no período noturno. Pudemos analisar a metodologia da instituição que requer a presença do Professor-Intérprete e do Professor-Surdo juntos em sala de aula. Observou-se que o planejamento das aulas é feito em conjunto entre todos os professores, sendo que cada dupla de professores é responsável por determinadas aulas.

Estágio 3

Nesta etapa entramos em sala de aula como professores, ministramos 7 aulas na turma de Libras V, cada aula durou entre 50 e 60 minutos. Seguimos o cronograma predefinido dos professores abordando os seguintes conteúdos: práticas de interpretação (Português/Libras/Português); verbos e substantivos; tradução e interpretação em Libras; valores monetários; contexto escolar; contexto religioso e área da saúde.

Executamos o projeto que foi feito no período anterior, colocamos em prática a proposta de ensino para alunos ouvintes. Para a realização dessa atividade estivemos diretamente em contato com os professores regentes, discutindo as melhores técnicas para a elaboração e execução dos planos de aula.

Estágio 4

Elaboramos um projeto de curso para o ensino de Libras para iniciantes. Em seguida, com o uso de folders, divulgamos essa atividade e recebemos 27 inscrições por telefone. Dessa forma realizamos uma oficina na cidade de Trindade, região metropolitana de Goiânia, numa sala cedida pela Igreja Assembleia de Deus. Essa oficina teve duração de 8 horas/aulas e 2 horas de atividades extras para casa. Apenas 14 pessoas participaram do curso que foi dividido em dois encontros presenciais, com 4 horas cada, a fim de adquirir conhecimentos iniciais da Libras.



O curso foi gratuito com direito a certificado de 10 horas e não exigiu conhecimentos prévios da língua. Os participantes eram ouvintes jovens e adultos que queriam aprender algo sobre a Libras.

Abordamos os seguintes conteúdos: saudações e cumprimentos; expressões faciais com músicas; alfabeto; números; mitos das línguas de sinais; família; dias da semana; meses do ano; lei e decreto de Libras; história da educação de surdos; sinais religiosos; animais e classificadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estágio 1

Cada estagiária desenvolveu as atividades referentes a esse estágio em uma escola diferente, uma delas foi numa escola inclusiva na cidade de Goiânia. A escola em questão foi fundada em 19 de março de 1956 com um nome diferente do atual e em endereço diferente também. Em 1996, a escola precisou de mais espaço e mudou de endereço, onde funciona até os dias de hoje, e conseqüentemente também recebeu um nome novo para homenagear um professor que realizou muitas benfeitorias em Goiás. Em 1999, a escola se tornou inclusiva e em 2002 implantou-se o Ensino para Jovens e Adultos - EJA e, atualmente, oferece estudos para mais de 400 alunos da 1ª e 2ª fases do Ensino Fundamental. Nessa escola, a administração se mostrou democrática e participativa, onde todos têm o direito de opinar e explicitar seus questionamentos, então, estivemos livres para convidar funcionários e alunos para questionamentos informais. Participaram das atividades do estágio: seis estagiários divididos em três duplas, duas intérpretes de Libras, dois alunos surdos (uma menina que tem 13 anos e um menino que tem 15 anos de idade, ambos cursam o 7º ano), duas funcionárias do setor administrativo, duas

13



alunas ouvintes (uma do 7º ano e outra do 8º ano), uma professora de Educação Física, um professor de Matemática, uma professora de Recursos, coordenadoras (uma geral e outra pedagógica) e outros participantes que indiretamente participaram das observações.

A outra escola, também no centro de Goiânia, foi desenvolvida a partir da Apae, que tem como base trabalhos com deficientes mentais e físicos. Em 1987, deu-se início a construção e ao funcionamento temporário, no prédio da Superintendência de Ensino Especial. Em acordo com a Secretaria de Educação e LBA, fez-se contrato de sessão de terreno. O nome da escola foi escolhido em homenagem à Professora de Português local que lutou por um espaço aos portadores de necessidades especiais. Em 06 de novembro de 2002, foi autorizada pela Superintendência de Ensino Especial a inclusão do 1º ao 5º ano, além de autorizar a Educação Infantil e estendendo-se até 9º ano, em 2004. Situada na região Central de Goiânia, com uma clientela de nível médio e baixo, então, é uma escola pública de ensino fundamental e médio.

A partir de entrevistas realizadas com alunos surdos, notou-se que o professor da rede estadual de ensino ainda não se vê preparado para lidar com a inclusão em sala de aula. Não conhecem a Libras e não tem oportunidade de se comunicar com o aluno sem a mediação do intérprete.

Eu acho o ensino dos professores aqui mais ou menos, porque antes eu não sabia Libras, era só oralizado, em 2010 eu comecei a aprender Libras, lá no CAS e fui desenvolvendo isso. Mas os professores aqui só falam assim: banheiro pode, água pode, e só. (PROTOCOLO DE REGISTRO 1.7)



Nesse caso podemos perceber que o surdo sente falta da relação professor-aluno, uma vez que o professor não consegue se comunicar com o aluno, quebra-se o elo de ligação entre a referência de ensino dentro de sala de aula e o aprendiz.

Quando a intérprete precisa ficar trocando de sala, eu fico confuso porque não entendo direito a matéria. Então se o professor soubesse Libras e a intérprete faltasse, não tinha problemas porque ele poderia me ajudar. (PROTOCOLO DE REGISTRO 1.7)

A partir desse relato do aluno surdo, percebe-se também que quando a intérprete está ausente, ele se perde, já que não existe outro canal para transferência de conhecimento entre o professor e o aluno surdo. A língua faz toda diferença no processo ensino-aprendizagem, quando o aluno recebe instruções na sua língua materna consegue aprender facilmente, mas quando não conta com essa instrução na sua L1 se perde nas explicações. O papel do professor em sala de aula é de extrema importância na vida do aluno, ele associa a presença do docente com o seu aprendizado.

Estágio 2

A segunda etapa do estágio supervisionado foi realizada em uma instituição estadual de ensino de Libras. Situada no setor Universitário, Goiânia - Goiás. Essa instituição foi inaugurada no dia 10 de outubro de 2005 com o intuito de atender pessoas surdas e capacitar profissionais da Educação para trabalhar com alunos surdos em escolas, bem como ensinar a Libras – Língua Brasileira de Sinais – para aquelas pessoas que possuem interesse ou necessitam de aprender a língua. A instituição foi criada devido à falta de profissionais para trabalhar frente ao processo educacional da pessoa surda e para garantir a inclusão efetiva do surdo no sistema

15



educacional de ensino.

De acordo com a coordenadora, em entrevista, o curso de Libras, oferecido pela escola em questão, prevê a socialização de conteúdos que retratem a cultura, identidade, educação, língua e necessidades da comunidade surda. Em 2006, com o certificado do Conselho Estadual de Educação, abriram-se os primeiros cursos na área de Português para Surdo e iniciou grupos de ensino para Surdos nas escolas da Rede Estadual de Educação. Isso como apoio e capacitação de professores da rede pública de ensino.

A instituição, mesmo sendo estadual, não dispõe de todos os recursos necessários para a sua manutenção e durante uma entrevista, a coordenadora nos disse o seguinte:

Como não contamos com um CNPJ, o CAS não conta com nenhum recurso, não temos PDE, PNDE, PDDE, ou seja, não recebemos verba alguma. Por isso, nossa sobrevivência consiste em o Governo do Estado de Goiás pagar o aluguel do prédio e o salário dos funcionários, mas para a manutenção da instituição, o grupo gestor organiza festivais de sorvete, vende rifas e lanches. (entrevista realizada com a coordenadora, PROTOCOLO DE REGISTRO 2.1, último parágrafo)

Durante as oito (8) observações em salas de aulas, percebeu-se que a presença do professor-surdo em sala de aula contribui grandemente com o aprendizado dos alunos. Em vários momentos, foi observado que o aluno tende a utilizar a língua materna para questionar o professor-intérprete, enquanto necessita utilizar a língua alvo, nesse caso a Libras, para se comunicar com o professor-surdo. Dessa forma, é importante o uso da Libras no processo de ensino-aprendizagem e a língua de sinais tem uma posição chave no trabalho escolar. (AMARAL, 2008)

16



A revisão e a explicação foram feitas oralmente com sinais esporádicos, apenas para exemplificação. O professor surdo (PS) esteve na sala de aula apenas como observador, e em nenhum momento a PI o consultou ou interpretou o que falava. Uma aluna perguntou se o sinal de lembrar era o mesmo sinal de segunda-feira, a PI explicou a diferença do movimento, assim como o movimento faz diferença no significado a localização também faz, neste momento um aluno perguntou se cirurgia de hemorróidas tem sinal, a turma inteira sorriu (menos o PS que não “ouviu” a brincadeira e ninguém sinalizou isso pra ele), mas a PI não respondeu a essa pergunta. (PROTOCOLO DE REGISTRO 2.4)

A língua de sinais precisa ser o meio de comunicação entre os alunos e os professores, se não tiverem contato possível com a língua materna precisarão fazer perguntas em Libras e ser respondidos em Libras também, assim o professor-surdo estará inserido no contexto da aula e a língua alvo será trabalhada com mais profundidade.

A instituição citada tem como característica a mudança e a criação de estratégias de ensino, ela difere-se de outros locais de ensino de Libras por causa da preocupação em melhorar a qualidade do ensino da língua como L2. Os professores elaboram os planos de aula, mas eles só podem colocar esses planos em prática se contarem com a aprovação de todos os outros professores.

Os planejamentos são feitos coletivamente, o curso de LIBRAS tem 17 aulas, uma dupla fica responsável pelo planejamento das aulas de 1 até 9 e a outra dupla se responsabiliza pelas aulas 10 até 17, os cursos duram de 5 a 6 meses.

17

O ENSINO EXPLÍCITO DE LIBRAS COMO L2:
EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Hilkia Cibelle da Cruz Oliveira



Normalmente cada professor planeja quatro aulas e depois há um revezamento, antes do plano ser posto em prática todos tem o prazo de uma semana para opinar, dizer se concorda e se algo pode ser acrescentado ou removido do mesmo (entrevista com coordenadora, PROTOCOLO DE REGISTRO 1.1).

Segundo Pimenta (1998), o professor que rever suas práticas torna-se um pesquisador de novos conhecimentos, constrói seu próprio caminho profissional e, com isso, obtêm aprendizado para lidar com diversas situações. É preciso saber construir novas ideias, procedimentos e saber trabalhar em conjunto com outros professores, no qual todos assumirão responsabilidades da escola, discutindo e pensando juntos em equipe, como resolver determinados problemas. A proposta de ensino dessa instituição chama a atenção pelo fato de que os professores trabalham em conjunto na elaboração de planos de aulas, bem como na reflexão acerca da dinâmica e da didática trabalhada em sala de aula.

Ao final das observações na escola-campo, elaboramos um projeto de ensino de Libras como L2, para ser executado no semestre seguinte.

Estágio 3

O ensino explícito de Libras para alunos adultos como L2 foi o tema escolhido para o desenvolvimento do nosso estágio 3. Visamos compreender de que maneira o ensino explícito de Libras como L2 pode contribuir para o aprendizado dos alunos. Elaboramos um projeto de ensino e o executamos no primeiro semestre de 2012.



Nesta terceira etapa de estágio supervisionado, observou-se que a maioria dos alunos da turma de Libras V (turma a qual estávamos em contato direto) se sentiam inseguros em estar na frente da turma para a realização das atividades:

No início os alunos estavam um pouco inseguros, mas depois de fazermos alguns exemplos, eles se dispuseram a participar também. Apenas uma aluna não quis ir à frente da turma para participar da dinâmica, os outros foram um a um e aqueles que acertavam ganhavam um chocolate, de forma que alguns queriam sempre acertar. (PROTOCOLO DE REGISTRO 3.3)

A partir do momento que os alunos nos conheciam mais e que a relação professoras-alunos se estabelecia, eles passaram a participar mais das aulas e interagir nas dinâmicas de grupo. “Hoje percebemos que os alunos estavam mais encorajados e seguros diante da turma, diferente das aulas anteriores” (PROTOCOLO DE REGISTRO 3.6)

Para Amaral (2008) os alunos precisam ter uma base linguística para se desenvolver, dessa forma serão independentes, fluentes na língua e conhecedores dos seus próprios limites.

Um bom domínio da língua de sinais dá aos alunos a base necessária para tornar possível seu desenvolvimento como indivíduos independentes com um entendimento claro de suas próprias oportunidades e limitações em uma sociedade majoritariamente ouvinte. Essa é a razão por que uma das tarefas mais importantes da escola é de criar boas oportunidades para o desenvolvimento linguístico do aluno ao

19



oferecer um ambiente rico em língua de sinais e bons modelos de língua de sinais (SKOLVERKET, 2008, p.135 e 136 apud AMARAL, 2008).

Segundo essa citação, podemos afirmar que a relação professor-aluno e o domínio da língua alvo podem influenciar no desenvolvimento dos alunos em questão. A disponibilidade, liberalidade e participação dos professores também nos motivou a seguir carreira como profissionais da educação, conforme consta no nosso protocolo de registro:

No final da aula, os professores também foram à frente da turma e participaram da dinâmica, os alunos interagiram muito e quando terminamos a aula percebemos que a turma estava totalmente favorável à nossa presença. (PROTOCOLO DE REGISTRO 3.3)

Os professores regentes participaram da aula e corrigiram alguns alunos que estavam com dificuldades nas expressões faciais. Percebemos ainda, que os alunos gostaram muito da dinâmica, e todos ficaram de pé e participaram da aula até o final. (PROTOCOLO DE REGISTRO 3.8)

Como combinamos na semana anterior, chegamos adiantadas para apresentar o nosso plano de aula aos professores do Libras V. Diante do nosso plano de aula, o Professor Surdo (PS) concordou em nos dar o primeiro horário da aula para aplicarmos este plano à turma. (PROTOCOLO DE REGISTRO 3.2)

20



A experiência de estar ministrando em sala de aula nos fez perceber que os alunos gostam de atividades diferenciadas que proporcionem interação e aprendizado. Fomos acolhidos pela instituição através dos professores e alunos que estiveram conosco durante essa etapa do estágio.

Estágio 4

Foi realizado em forma de oficina, na cidade de Trindade, região metropolitana de Goiânia, em uma sala cedida pela Igreja Assembleia de Deus, com duração de 8 horas/aulas e 2 horas de atividades extras para casa. Os alunos participaram de dois encontros presenciais, com 4 horas cada, a fim de adquirir conhecimentos iniciais da Libras.

A comunicação é essencial para o desenvolvimento humano, qualquer que seja a linguagem, ela se constitui no meio em que o homem se integra, na sociedade. É por ela que ele expressa suas ideias, opiniões, desejos e sentimentos. Podemos trazer essa experiência para o ensino de Libras para jovens e adultos de uma comunidade ouvinte que espera conhecer e compreender melhor o universo surdo.

A experiência de ensinar pessoas, que nunca tiveram contato direto com a Libras, foi marcante em vários aspectos, iremos destacar alguns deles: a curiosidade dos alunos no tocante aos sinais; a participação deles nos momentos de reflexão e discussão; o empenho durante a realização das atividades e a interação professor-aluno. Estar diante de uma turma, ministrando aula é gratificante, uma vez que a prática docente nos coloca dentro da realidade educacional e das responsabilidades profissionais.

Na quarta etapa do estágio supervisionado observou-se que os alunos estavam curiosos acerca da língua e dos sinais que estavam aprendendo.



Durante a realização dos sinais, alguns alunos pediram para ensinar alguns sinais que não estavam nas folhas e já demonstravam interesse em formar frases simples. Pedimos para que os alunos fizessem sozinhos os sinais que ensinamos, eles fizeram, mas quando alguém errava, ajudávamos e corrigia o sinal que estava errado (PROTOCOLO DE REGISTRO 4).

Estar diante de uma sala nos trouxe reflexões acerca da forma de ensino de Libras como segunda língua. É necessário que o docente tenha dinâmicas e didática de ensino voltadas para a turma, que está sendo ensinada. Dessa forma poderemos despertar o desejo e o interesse de aprender dos alunos.

Apresentamos com o apoio de Power points contendo imagens dos personagens que compunham o histórico, para expor, de maneira simplificada, o conteúdo abordado, sempre interrogando os alunos e ouvindo suas opiniões. Ao final da abordagem, abrimos um momento de perguntas e comentários, vários alunos expuseram seus pontos de vista e fizeram questionamentos pertinentes ao assunto (PROTOCOLO DE REGISTRO 4).

Em seguida, ensinamos com os sinais relacionados à religião, fizemos devagar e repetimos várias vezes para melhor assimilação dos sinais. Por último, os alunos ficaram de pé, em roda, e fizemos juntos a música: “Obrigado Jesus”. Todos participaram e mostraram interesse em memorizar a sequência dos sinais. Finalizamos a oficina agradecendo a participação

22



de todos, os alunos nos agradeceram, disseram ter gostado e muitos disseram que queriam continuar aprendendo Libras (PROTOCOLO DE REGISTRO 4).

A última etapa do estágio supervisionado foi voltada para a análise das responsabilidades do professor. Estivemos à frente de todo projeto educacional, fomos responsáveis pela divulgação, criação e execução da oficina, bem como pela elaboração dos planos de aula e das dinâmicas a serem utilizadas em sala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não nascemos professores, nos tornamos professores ao longo do tempo. A prática docente foi trabalhada em nós de forma gradativa e como resultado desse estágio, notamos que amaduremos nossas concepções de ensino, refletimos acerca do ensino que queremos transmitir aos nossos futuros alunos e crescemos como pessoa.

Cada etapa desse estágio serviu para construir a base da nossa carreira e para nos mostrar que ainda há muito que se fazer para que tenhamos um ensino de Libras de qualidade nas escolas do nosso país. Cabe a nós encontrar meios eficazes de ensinar a língua de sinais para ouvintes e somos também responsáveis pela aprendizagem dos nossos alunos.

A dificuldade dos professores que entram em sala de aula sem estar preparado para lidar com aquele aluno surdo; a necessidade de profissionais dispostos a mudar a realidade do ensino de Libras e a falta de materiais voltados para o ensino da língua, não podem ser barreiras para a aquisição da língua de sinais pelo surdo e nem pelo ouvinte.



O ensino explícito de Libras pode ser uma das melhores formas de instrução para que os alunos dominem a língua à qual estão estudando. O estágio nos proporcionou o contato com a realidade educacional de ensino, nos apresentou as dificuldades que iremos encontrar no caminho e também nos trouxe novas técnicas de ensino para aplicarmos durante nossas aulas. É bem verdade que estamos no início da nossa caminhada, mas experiências como essa devem ser transmitidas para que outros professores conheçam a nossa realidade e compartilhem conosco os pontos positivos, e para que, juntos, façamos ponte entre o ensino e o aprendizado da Libras.

REFERÊNCIAS

CAPOVILLA, F.C. (2000). Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v.I, n6.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Construção do conhecimento em sala de aula*. 12ª ed. São Paulo: Libertad, 2002. v. 2.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico*. 12ª ed. São Paulo: Libertad, 2004. v. 1.

LIMA JÚNIOR, R.M. Uma investigação dos efeitos do ensino explícito da pronúncia na aula de inglês como língua estrangeira. *RBLA*, Belo Horizonte, v.10, n.3, p. 747-771, 2010.



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, Coordenação de Ensino Especial. *Apostila de Libras*, níveis I e II. Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com surdez - CAS, Goiás.

OLIVEIRA, M.K. *Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997.

VEIGA, L.; GONDIM, S.M.G. *A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político*. Opinião Pública, v.2, n.1, p. 1-15, 2001.

LIBÂNEO, J.C. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Alternativa, 2001.

www.cascursolibrasgoias.blogspot.com.br

CODO, W.; SAMPAIO, J. J.; HITOMI, A. H. *Indivíduo, trabalho e sofrimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

BURIOLLA, M. A. *O estágio supervisionado*. São Paulo: Cortez, 1999.

RICHTER, Marcos Gustavo; BALBINOT, Márcio. *A abordagem comunicativa na aquisição de língua escrita*. 2000. [S.n.t]

SILVA, Vera Lúcia Teixeira da. *Competência Comunicativa*. Ano IV. nº 8. Dissertação (Mestrado em Letras) __ Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2004.



CUNHA, Marcos Vinícius da. *Psicologia da educação*. Pavlov, Watson e Skinner – Comportamentalismo e educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008, cap. II, p. 37-56.

GALINDO, Wedna Cristina Marinho. A construção da identidade profissional docente. *Psicol. Cienc. Prof.* [online]. 2004, vol. 24, n. 2, p. 14-23.

AMARAL, Maria Augusta Gomes Conde. Modelo de educação e ensino bilíngue para surdos. In: MOURA, M.C. ; VERGAMINI, S.A.A.; CAMPOS, S.R.L. *Educação para surdos: Práticas e perspectivas*. São Paulo: Grupo Editora Nacional, 2006.

Identificação da Autora

HILKIA CIBELLE DA CRUZ OLIVEIRA

Licenciada em Letras: Libras - UFG (2013)

Cursando Pós-Graduação em Docência no Ensino Superior na FASAM – Faculdade Sul-Americana (2014)

Intérprete de Libras da Rede Municipal de Educação - Trindade / Go (2009)

Professora de Libras e Escrita de Sinais na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (2013 / 2014)



E-mail: hilkiacibelle@hotmail.com